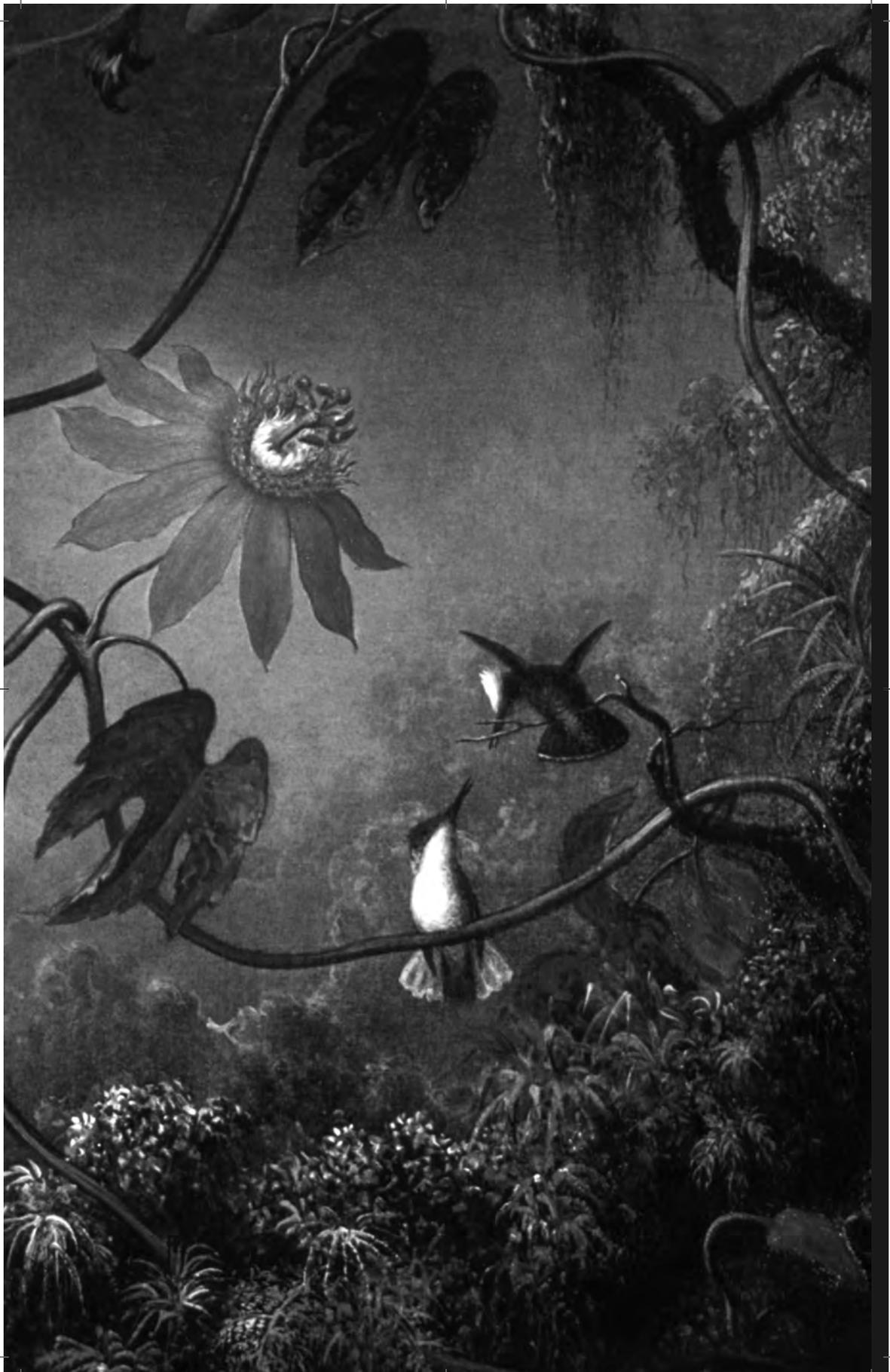


Q

QUETZAL ave trepadora  
da América Central,  
que morre quando privada  
de liberdade; raiz e origem  
da Quetzalcoatl (serpente  
emplumada com penas  
de quetzal), divindade  
dos Toltecas, cuja alma,  
segundo reza a lenda, teria  
subido ao céu sob a forma  
de Estrela da Manhã.



Luz Mendiluce foi uma menina maravilhosa e sadia, uma adolescente gorda e pensativa e uma mulher alcoólica e infeliz. Além disso foi, de todos os escritores da sua família, quem teve mais talento. A famosa fotografia de Hitler com a menina de poucos meses ao colo acompanhou-a toda a sua vida. Emoldurada num rico trabalho de prata lavrada, presidia ao salão da sua casa juntamente com vários retratos de pintores argentinos onde ela aparecia, menina ou adolescente, geralmente na companhia da mãe.

Roberto Bolaño

# A Literatura Nazi nas Américas

Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra

 QUETZAL série américas | Roberto Bolaño

*Título:* A Literatura Nazi nas Américas  
*Título original:* La Literatura Nazi en America  
*Autor:* Roberto Bolaño  
*Tradução:* Cristina Rodriguez e Artur Guerra  
*Revisão:* João Assis Gomes

*Projecto gráfico original:* RPVP Designers  
*Design da capa:* Vera Braga . Quetzal Editores  
*Fotografia da capa:* © Burstein Collection / Corbis  
*Composição:* José Campos de Carvalho  
*Execução gráfica:* Bloco Gráfico, Lda.  
Unidade Industrial da Maia

© 2010 Quetzal Editores

[Todos os direitos para publicação desta obra em língua portuguesa, excepto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

LA LITERATURA NAZI EN AMERICA

Copyright © 1996 by Roberto Bolaño

Copyright renewed © 2008 by

The Estate of Roberto Bolaño

All rights reserved

ISBN: 978-972-564-909-1

Depósito legal: 316605/10

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

quetzal@quetzaleditores.pt

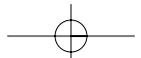
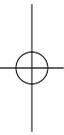
Tel. 21 7626000 • Fax 21 7625400

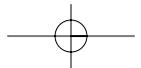
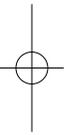


A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.



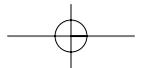
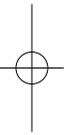
Para Carolina López





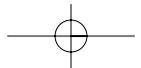
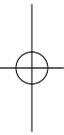
Quando o rio é lento e se conta com uma  
boa bicicleta ou cavalo, sim, é possível banharmo-nos  
duas (e até três, consoante as necessidades higiénicas  
de cada um) vezes no mesmo rio.

AUGUSTO MONTERROSO





## OS MENDILUCE



## Edelmira Thompson de Mendiluce

*Buenos Aires, 1894-Buenos Aires, 1993*

AOS QUINZE ANOS PUBLICOU o seu primeiro livro de poemas, *Ao Papá*, que conseguiu introduzi-la numa discreta posição na imensa galeria das poetisas da alta sociedade buenairense. A partir de então, foi assídua nos salões de Ximena San Diego e de Susana Lezcano Lafinur, que ditavam a lírica e o bom gosto nas duas margens do rio da Prata nos alvares do século XX. Os seus primeiros poemas, como é lógico supor, falam de sentimentos filiais, de pensamentos religiosos e de jardins. Namoriscou a ideia de se tornar freira. Aprendeu a montar a cavalo.

Em 1917, conhece o ganadeiro e industrial Sebastián Mendiluce, vinte anos mais velho do que ela. Toda a gente ficou surpreendida quando ao fim de poucos meses se casaram. Segundo os testemunhos da época, Mendiluce não apreciava a literatura em geral e a poesia em particular, faltava-lhe sensibilidade artística (embora de vez em quando fosse à ópera) e a sua conversa situava-se ao mesmo nível que a dos seus peões e operários. Era alto e enérgico, mas estava muito longe de ser bonito. A sua única qualidade reconhecida era a sua fortuna inesgotável.

As amigas de Edelmira Thompson disseram que tinha sido um casamento de conveniência, mas a verdade é que ela se casou por amor. Um amor que nem ela nem Mendiluce jamais souberam explicar e que se manteve inabalável até à morte.

O casamento que acaba com a carreira de tantas escritoras auspiciosas deu novos bríos à pena de Edelmira Thompson.

Abriu o seu próprio salão em Buenos Aires, que rivalizou com o da San Diego e o da Lezcano Lafinur. Protegeu jovens pintores argentinos aos quais não só comprava obras (em 1950, a sua pinacoteca de artes plásticas argentina não era a melhor, mas sim uma das maiores e extravagantes da República), como também costumava levá-los à sua fazenda de Azul para que pintassem longe da agitação mundana e com todas as necessidades cobertas. Fundou a editora Candeia Sulista onde publicou mais de cinquenta livros de poesia, muitos dos quais lhe são dedicados, a «fada boa das letras crioulas».

Em 1921, publica o seu primeiro livro em prosa, *Toda a Minha Vida*, autobiografia idílica, se não mesmo chã, isenta de mexericos e cheia de descrições paisagísticas e de considerações poéticas que, contrariamente ao que a autora esperava, passa totalmente despercebida pelas montras das livrarias de Buenos Aires. Decepcionada e na companhia dos seus dois filhos pequenos, de duas criadas e de mais de vinte malas, Edelmira parte para a Europa.

Visita Lourdes e as grandes catedrais. É recebida pelo Papa. Percorre em veleiro as ilhas do Egeu e chega a Creta num meio-dia de Primavera. Em 1922, publica em Paris um livrinho de poemas infantis em francês e outro em espanhol. Depois volta para a Argentina.

Mas as coisas mudaram e Edelmira já não se sente bem no seu país. Num jornal acolhem o aparecimento do seu novo livro de poesia (*Horas da Europa*, 1923) tachando-a de pirosa. O crítico literário mais influente da imprensa nacional, o Dr. Luis Enrique Belmar, considera-a uma «dama infantil e desocupada que faria melhor se dedicasse o seu esforço à beneficência e à educação de tantos catraios esfarrapados que correm pelos espaços sem limites da pátria». Edelmira responde com elegância convidando o Dr. Belmar e os outros críticos para o seu salão. Só aparecem quatro jornalistas mortos de fome que trabalham para páginas de acontecimentos sociais. Edelmira, desdenhada, refugia-se na fazenda de Azul para onde a seguem uns quantos

incondicionais. Na paz dos campos, ouvindo as conversas da gente trabalhadora e humilde, prepara um novo livro de poesia que atirará à cara dos seus detractores. *Horas Argentinas* (1925), a esperada colectânea de poemas, provoca o escândalo e a controvérsia desde o próprio dia da sua publicação. Nele, Edelmira abandona a visão contemplativa e passa ao ataque. Arremete contra os críticos, contra as literatas, contra a decadência que envolve a vida cultural. Propõe um regresso às origens: os trabalhos do campo, a fronteira sul sempre aberta. Ficam para trás os requebros e os desfalecimentos amorosos. Edelmira quer uma literatura épica, epopeica, na qual não lhe trema o pulso na hora de cantar a pátria. À sua maneira, o livro é um grande êxito e num acto de humildade, com pouco tempo para saborear o mel do trabalho reconhecido, Edelmira parte outra vez para a Europa. Acompanham-na os seus filhos, as suas criadas e o filósofo de Buenos Aires Aldo Carozzone que faz as vezes de secretário particular.

Passa o ano de 1926 a viajar com o seu numeroso séquito por Itália. Em 1927, Mendiluce junta-se-lhe. Em 1928, nasce em Berlim a sua primeira filha, Luz Mendiluce, uma robusta menina de quatro quilos e meio. O filósofo alemão Haushofer será seu padrinho de baptismo numa cerimónia onde se irá encontrar a nata da intelectualidade argentina e alemã e que ao fim de três dias de festa ininterrupta acabará num bosquezinho próximo de Rathenow onde os Mendiluce presenteiam Haushofer com um solo de timbales, composto e executado pelo maestro Tito Vázquez, que causará sensação na época.

Em 1929, enquanto o *crash* mundial obriga Sebastián Mendiluce a voltar à Argentina, Edelmira e os seus filhos são apresentados a Adolf Hitler, que pegará na pequena Luz e dirá: «Não há dúvida que é uma menina maravilhosa.» Tiram-se fotografias. O futuro Führer do Reich causa na poetisa argentina uma grande impressão. Antes de se despedir oferece-lhe alguns dos seus livros e um exemplar de luxo do *Martín Fierro*, obséquios que Hitler agradece calorosamente obrigando-a a improvisar uma

tradução para alemão ali mesmo, coisa que Edelmira e Carozzone conseguem com alguma dificuldade. Hitler mostra-se satisfeito. São versos sonoros e que apontam para o futuro. Edelmira, feliz, pede conselho sobre a escola mais apropriada para os seus dois filhos mais velhos. Hitler sugere um internato suíço, embora faça notar que a melhor escola é a vida. Quando acaba a entrevista, tanto Edelmira como Carozzone se confessarão hitlerianos convictos.

1930 é um ano de viagens e de aventuras. Na companhia de Carozzone, da sua filha mais nova (os meninos ficaram internos num selecto colégio de Berna) e das suas duas criadas pampas, Edelmira percorre o Nilo, visita Jerusalém (onde sofre uma crise mística ou nervosa que a mantém três dias prostrada no quarto do hotel), Damasco, Bagdade...

A sua cabeça fervilha de projectos: planeia fundar uma nova editora ao regressar a Buenos Aires onde traduzirá pensadores e romancistas europeus, sonha estudar arquitectura e desenhar macroescolas que edificará nos territórios argentinos onde a civilização ainda não chegou, deseja criar uma fundação que tenha o nome da sua mãe para rapariguitas de escassos recursos e com inquietações artísticas. Pouco a pouco, um novo livro começa a tomar forma no seu espírito.

Em 1931, volta a Buenos Aires e começa a dar corpo aos seus projectos. Funda uma revista, *A Argentina Moderna*, que Carozzone irá dirigir e que publicará as últimas novidades em poesia e prosa sem esquecer os artigos políticos, o ensaio filosófico, a crítica cinematográfica e a actualidade social. A saída da revista coincide com o aparecimento do seu livro *O Novo Manancial*, ao qual *A Argentina Moderna* dedicará metade das suas páginas. *O Novo Manancial*, a meio caminho entre a crónica de viagem e as memórias filosóficas, constitui uma reflexão sobre o mundo contemporâneo, sobre o destino do continente europeu e do continente americano ao mesmo tempo que observa e avisa sobre a ameaça que o comunismo representa para a civilização cristã.

Os anos seguintes são pródigos em novos livros, novas amizades, novas viagens (percorre o Norte da Argentina e atravessa a fronteira boliviana montada a cavalo), novas aventuras editoriais e novas experiências artísticas que a levarão a escrever o libreto de uma ópera (*Ana, a Camponesa Redimida*, 1935, estreada no Colón com divisão de opiniões e confrontos verbais e físicos), a pintar uma série de paisagens da província de Buenos Aires e a colaborar na montagem de três peças do dramaturgo uruguaio Wenceslao Hassel.

Em 1940, morre Sebastián Mendiluce e a guerra impede-a de viajar para a Europa como teria sido o seu desejo. Louca de dor, redige ela mesma a nota necrológica que aparece a ocupar uma página a duas colunas nos principais jornais do país. Assina: Edelmira, viúva de Mendiluce. O texto acusa sem dúvida o desvario mental em que se encontra. Suscita troça, alfinetadas, o desprezo de grande parte da intelectualidade argentina.

Uma vez mais, refugia-se na fazenda de Azul tendo por única companhia a sua filha mais nova, o inseparável Carozzone e o jovem pintor Atilio Franchetti. De manhã, escreve ou pinta. De tarde dá longos passeios solitários ou dedica as horas à leitura. Fruto dessas leituras e da sua manifesta vocação de desenhadora de interiores é a sua melhor obra, *O Quarto de Poe* (1944), que irá prefigurar o *nouveau roman* e muitas das vanguardas posteriores e que conquista para a viúva de Mendiluce um lugar ao sol na literatura argentina e hispano-americana. A história é a seguinte: Edelmira lê *A Filosofia do Mobiliário*, de Edgar Allan Poe. O ensaio entusiasma-a, encontra em Poe uma alma gêmea no que diz respeito à decoração e discute amplamente o tema com Carozzone e Atilio Franchetti. Este último pinta um quadro seguindo fielmente as instruções de Poe: uma câmara oblonga de uns trinta pés de comprimento por vinte e cinco de largura (um pé equivale aproximadamente a vinte e oito centímetros), com uma porta e duas janelas colocadas no extremo oposto. Os móveis, o papel de parede, as cortinas são reproduzidos com o máximo de exactidão por Franchetti. Edelmira, porém, acha coisa

pouca e opta por reproduzir ao natural o quarto de Poe. Para esse efeito manda construir no jardim da quinta um quarto com as mesmas medidas daquele que é descrito por Poe e depois lança os seus agentes (antiquários, vendedores de móveis e carpinteiros) à pesquisa dos bens descritos no ensaio. O resultado procurado e só meio conseguido era o seguinte:

– As janelas são amplas, vão até ao chão e encontram-se inseridas em profundos nichos.

– Os vidros das janelas são de vermelho carmim.

– As molduras, de pau-rosa, mais grossas do que as usuais.

– Na parte interior do nicho tem como cortina um espelho de tecido de prata adaptado à forma da janela, que fica pendente em finas pregas.

– Fora do nicho vêem-se cortinas de uma seda carmim lindíssima, orlada com uma brilhante rede dourada e forrada com o tecido prateado que forma a cortina exterior.

– As pregas das cortinas surgem sob uma larga cimalha dourada que percorre o quarto na linha de contacto das paredes com o tecto.

– O cortinado abre-se ou fecha-se por meio de um grande cordão dourado, que pende suavemente e termina num simples nó; não se vêem pregos nem outras peças semelhantes.

– As cores das cortinas e das suas orlas, isto é, o carmim e o dourado, aparecem profusamente por toda a parte, determinando o *carácter* do quarto.

– O tapete, tecido na Saxónia, tem meia polegada de espessura e o seu fundo também é carmim, realçado simplesmente por um cordãozinho dourado (análogo ao que remata as cortinas) que pouco se destaca do fundo, encontrando-se disposto de tal maneira que forma uma série de curvas breves e irregulares, as quais se entrecruzam várias vezes.

– As paredes são revestidas por um papel acetinado de uma tonalidade prateada grisácea, em que figuram muitos desenhos arabescos do tom carmim dominante, mas de um matiz mais suave.

– Numerosos quadros. Predominam as paisagens de estilo imaginativo, tais como as grutas das fadas de Stanfield ou o lago melancólico de Chapman. Vêm-se, no entanto, três ou quatro cabeças femininas de beleza etérea; são retratos ao jeito de Sully. A tonalidade de todos os quadros é cálida, mas sombria.

– Não há nenhum de tamanho pequeno. As pinturas diminutas dão a um quarto aquele ar *manchado* que constitui a falha de tantas e belas obras de arte excessivamente retocadas.

– As molduras são largas, mas não profundas; são ricamente lavradas sem ser opacas nem filigranadas.

– Os quadros estão bem adossados às paredes, sem cordões a suspendê-los.

– Há um espelho não muito grande, quase circular, pendurado de forma a não se reflectir nele ninguém que se instale nos sítios onde há assentos.

– Estes são constituídos por dois amplos sofás de pau-rosa e seda carmim, com flores douradas e duas cadeiras leves igualmente de pau-rosa.

– Desta madeira é também o piano, que não tem tampa e está aberto.

– Perto de um sofá vê-se a mesa octogonal do mais belo mármore incrustado a dourado. A mesa não tem qualquer tapete.

– Quatro grandes e esplêndidos vasos de Sèvres, onde assoma uma profusão de belas e brilhantes flores, ocupam os cantos ligeiramente arredondados da divisão.

– Um alto candelabro, que contém uma lamparina antiga cheia de óleo perfumado, ergue-se perto de um dos cadeirões (aquele onde dorme o amigo de Poe, o possuidor deste quarto ideal).

– Algumas prateleiras leves e graciosas de rebordos dourados, suspensas por cordões de seda carmim com borlas douradas, suportam duzentos ou trezentos volumes magnificamente encadernados.

– Fora disso não há outros móveis, excepto um candeeiro de Argand com abajur de vidro transparente de cor carmim

suspensão do alto e abobadado tecto por uma fina corrente dourada, e que derrama um resplendor sereno e mágico sobre todas as coisas.

O candeeiro de Argand não foi extremamente difícil de conseguir. As cortinas, o tapete ou os cadeirões também não. Com o papel de parede houve problemas que a viúva de Mendiluce solucionou encomendando-o directamente à fábrica com um modelo desenhado especialmente por Franchetti. Os quadros de Stanfield ou de Chapman foram inencontráveis, mas o pintor e o seu amigo Arturo Velasco, um jovem e prometedo artista, realizaram umas telas que acabaram por satisfazer o desejo de Edelmira. O piano de pau-rosa também colocou alguns problemas, mas com o tempo todos foram superados.

Com o quadro reconstruído Edelmira julgou chegado o momento de escrever. A primeira parte de *O Quarto de Poe* é uma descrição ao pormenor deste. A segunda parte é um brevíário sobre o bom gosto no desenho de interiores, tomando como ponto de partida alguns dos preceitos de Poe. A terceira parte é a construção propriamente dita do quarto num prado do jardim da fazenda de Azul. A quarta parte é uma descrição prolixa da procura dos móveis. A quinta parte é, outra vez, uma descrição do quarto reconstruído, semelhante, mas *diferente* do quarto descrito por Poe, com particular ênfase na luz, na cor carmim, na procedência e no estado de conservação de alguns móveis, na qualidade das pinturas (todas, uma a uma, são descritas por Edelmira sem poupar ao leitor um único pormenor). A sexta e última parte, talvez a mais breve, é o retrato do amigo de Poe, o homem que dormita. Alguns críticos, talvez demasiado perspicazes, quiseram ver nele o recentemente falecido Sebastián Mendiluce.

A publicação da obra passa despercebida. Desta vez, porém, Edelmira está tão segura do que escreveu que a incompreensão quase não a afecta.

Durante 1945 e 1946, segundo os seus inimigos, é visitante assídua de praias abandonadas e de pequenas enseadas secretas onde dá as boas-vindas à Argentina a viajantes clandestinos que

arribam nos restos da flotilha de submarinos do almirante Doenitz. Comenta-se também que é o seu dinheiro que está por detrás da revista *O Quarto Reich Argentino* e posteriormente da editora do mesmo nome.

Em 1947, aparece uma segunda edição corrigida e aumentada de *O Quarto de Poe*. Desta vez inclui-se uma reprodução do quadro de Franchetti: neste pode-se apreciar o quarto a partir da perspectiva da porta. Do homem a dormir só é possível vislumbrar o perfil do rosto. Com efeito, poderia ser Sebastián Mendiluce ou talvez só um homem corpulento.

Em 1948, sem se desfazer de *A Argentina Moderna* funda uma nova revista, *Letras Crioulas*, cuja direcção deixa nas mãos dos seus filhos Juan e Luz. Pouco depois parte para a Europa donde só voltará em 1955. Como causa deste longo exílio refere-se a sua irreconciliável inimizade com Eva Perón. Em muitas fotografias da época, porém, Evita e Edelmira aparecem juntas, em *cocktails*, recepções, festas de aniversário, estreias teatrais e competições desportivas. Evita, provavelmente, nunca conseguiu chegar à página dez de *O Quarto de Poe*, e Edelmira certamente não aprovava a proveniência social da primeira-dama, mas existem papéis e cartas de terceiros que testemunham que ambas estavam envolvidas em projectos comuns como a criação de um grande museu (concebido por Edelmira e pelo jovem arquitecto Hugo Bossi) de arte contemporânea argentina, com um serviço de residência e pensão completa incluído, algo nunca visto em qualquer complexo museológico mundial, com o objectivo de facilitar a criação – e a vida quotidiana – aos jovens e não tão jovens expoentes da pintura moderna e evitar, ao mesmo tempo, a sua emigração para Paris ou Nova Iorque. Fala-se também do esboço de um guião cinematográfico escrito por ambas sobre a vida e desgraças de um jovem dom-joão inocente que Hugo del Carril iria protagonizar, mas o esboço, como tantas outras coisas, perdeu-se.

A verdade é que Edelmira só voltou à Argentina em 1955 e nessa época a estrela ascendente nas letras de Buenos Aires era a sua filha Luz Mendiluce.

Edelmira poucos mais livros publicará. O primeiro volume das suas *Poesias Completas* aparecerá em 1962; o segundo, em 1979. Um livro de memórias, *O Século Que Vivi* (1968), escrito com a colaboração do seu fiel Carozzone, um conjunto de contos brevíssimos, *Igrejas e Cemitérios da Europa* (1972), onde se destaca o seu prodigioso senso comum, e uma compilação de poemas inéditos da juventude, *Fervor* (1985), compõem a totalidade da sua obra publicada nos últimos anos.

O seu trabalho de animadora das artes e promotora de novos talentos, pelo contrário, não decairia com o tempo. São incontáveis os livros que ostentam um prólogo, um epílogo ou uma nota da viúva de Mendiluce, como incontáveis são as primeiras edições que ela financiou do seu bolso. Entre os primeiros cabe destacar *Corações Antigos e Corações Novos*, de Julián Rico Anaya, romance que, em 1978, suscitou considerável polémica tanto na Argentina como no estrangeiro, ou *As Adoradoras Invisíveis*, de Carola Leyva, livro de poemas com vontade de pôr um ponto final à estéril discussão sobre a poesia que se mantinha nalguns círculos argentinos desde o Segundo Manifesto do Surrealismo. Entre os segundos é impossível não citar *A Rapaziada de Puerto Argentino*, memórias talvez um tanto ou quanto exageradas sobre a Guerra das Malvinas com as quais irrompe no mundo literário o ex-soldado Jorge Esteban Petrovich, e *Os Dardos e o Vento*, uma antologia de poetas jovens e de boa família entre cujos objectivos estéticos está o de não utilizar cacofonias nem palavras dissonantes nem grosserias quotidianas e que, prologada por Juan Mendiluce, obteve um êxito de vendas inesperado.

Passou os seus últimos anos na fazenda de Azul, retirada no quarto de Poe onde costumava dormir e sonhar com o passado, ou no amplo terraço da casa principal, mergulhada na leitura ou na contemplação da paisagem.

Manteve a lucidez («a raiva», dizia ela) até ao fim.